"AXÉ OXUM ODENITÁ": ASPECTOS BIOGRÁFICOS DE JOSÉ ERIVALDO DA SILVA E SUA NAÇÃO KETO EM JOÃO PESSOA - PB

Dulce Edite Soares Loss[1]

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo analisar aspectos biográficos do Babalorixá José Erivaldo da Silva, fundador do *Ilê Axé Oxum Odenitá*, "casa matriz" e agente fundador do tradicional culto africano de nação *Keto* na cidade de João Pessoa. Nascido na cidade de Cajazeira – PB, na década de 1960, José Erivaldo da Silva, com a morte da mãe e abandonado pelo pai, foi criado pela sua avó, quando se iniciou na religião e foi morar na casa de seu "pai de santo". Por motivos de doença vem a João Pessoa e após dificuldades aqui instala o *Ilê Axé Oxum Odenitá*. Analisar aspectos de sua biografia é contribuir para uma História Cultural comprometida com a diversidade de temas e possibilidades de problemas que competem a um historiador. Problematizamos, a partir da vida do Babalorixá, características do ritual previstas no culto da nação *Keto*, gerando uma multiplicidade de axés na cidade de João Pessoa e interior da Paraíba. Metodologicamente, utilizamos a História Oral, para dar voz ao personagem *Babalorixá José Erivaldo de Oxum* e sua *egbé*, coletar dados e registrar essas memórias é trazer à tona a herança cultural e religiosa oriunda dos negros do período colonial.

Palavras-chave: Biografia, religiosidade e nação Keto.

ABSTRACT

This paper aims to analyse biographical aspects of the life of *Babalorixá José Erivaldo da Silva*, founder of the *Ilê Axé Oxum Odenitá*, main representative and generator of the traditional African cult called *Nação Keto* in the city of João Pessoa. José was born in the town of Cajazeiras, Paraíba in the 1960s. After the death of his mother and having been abandoned by his father, he was raised by his grandmother, and that was when he was initiated in the religion and moved in with his "pai de santo". Due to illness, he moved to João Pessoa, and after facing difficulties, he established the *Ilê Axé Oxum Odenitá* there. To analyse aspects of his biography is to contribute to a Cultural History compromised with the varied themes and possible problems that concern a historian. Based on the life of the Babalorixá, we can study characteristics of the ritual present in the *Keto* cult, bringing forth a variety of axés in the city of João Pessoa and inside of Paraíba. The methodology used is that of Oral History, hence giving voice to the character of *Babalorixá José Erivaldo de Oxum* and his *egbé*; to collect data and document these memories is to bring about the cultural and religious heritage of black people from the colonial period.

Keywords: Biography; religiosity; *Keto*.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como foco o *Ilê Axé Oxum Odenitá*[2] e a pessoa do Babalorixá[3] José Erivaldo da Silva, respectivamente "casa matriz" e agente fundador dos cultos africanos de

[1] Aluna do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Membro pesquisadora do projeto intitulado "Religião e religiosidade na Paraíba" sob a orientação do Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior.

[2] Localizado a rua Carlos Antônio Galiza de Andrade nº129, bairro do Cuiá, João Pessoa - PB.

[3] Sacerdote chefe do Ilê.

nação[4] Keto, que consolida em seu universo mítico e religioso uma tradição local com forte identidade nacional. Uma memória de valor indispensável para a continuidade da ritualística africana no território brasileiro, sendo assim uma pesquisa importante de nível acadêmico e para a consolidação da cultura afrodescendente na cidade de João Pessoa – PB, visto que a historiografia paraibana contém uma bibliografia muito reduzida a este respeito. Escrever a memória desta tradição religiosa na cidade de João Pessoa é dar visibilidade e legitimar uma "história dentro da história, ampliando as possibilidades de interpretação de um passado" (ALBERTI, 2015, p.155) de riqueza étnico-cultural. Lembrar é, então, não apenas reportar-se ao passado, mas é também reatualizá-lo no presente, sendo este um fator extremamente importante para a ideia de continuidade e de história de vida.

Partindo da premissa que os cultos africanos foram formados no período colonial, tornando-se parte de uma identidade nacional, dar voz a estes personagens é pensar a tradição africana nesta localidade, o que nos faz crer que os arquivos-vivos em pleno cumprimento de suas atividades religiosas e suas narrativas são elementos basilares constituintes deste universo mítico religioso, um alicerce na construção da memória e identidade desta tradição na cidade, que nos permite estabelecermos um diálogo entre passado e presente, adentrando a magia em que o sagrado e a oralidade caminham de mãos dadas.

Como base nas discussões metodológicas para realização do presente estudo, utilizamos a História Oral, que nos permitiu buscar, registrar – e, portanto, perpetuar – impressões e vivências, permitindo um conhecimento do vivido muito mais rico de situações que, de outra forma, teríamos dificuldades em compreender. A tática de ouvir atores ou testemunhas de determinados acontecimentos ou contextos para um melhor entendimento já data da Grécia antiga, Heródoto, Tucídides e Políbio, historiadores da Antiguidade, já utilizaram esse método para escrever sobre acontecimentos de sua época. (Alberti 2015).

O Historiador da oralidade cria sua própria fonte, pois a princípio precisamos extrair a entrevista da testemunha e ela somente se torna fonte após a sua transcrição, portanto, para tal, nossas fontes orais foram coletadas através de entrevistas gravadas premeditadas de narrativa pessoal do Babalorixá José Erivaldo da Silva. Assim, "a entrevista não se constitui na história em si, mas é uma construção que o indivíduo faz de seu passado com base nas experiências guardadas por sua memória" (SELAU, 2004, p. 218).

A MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DE UMA NAÇÃO RELIGIOSA

Entendemos por memória a faculdade inerente e privilegiada do ser humano, onde se permite narrar lembranças reconstruindo um passado articulado com o presente. Le Goff (1997, p. 12) destaca que os fenômenos da memória são os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem "na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui". Na cidade de João Pessoa – PB, o *Ilê Axé Oxun Odenitá* é uma referência para esta memória, na pessoa de José Erivaldo e nas casas que surgiram por intermédio desta tradição.

A memória individual dificilmente poderia ser compartilhada, mas enquanto fenômeno singular, ela seria passível de transmissão através da palavra. Com esta percepção a presente pesquisa ouviu as memórias do Babalorixá José Erivaldo da Silva do Ilê Axé Oxum Odenitá e sua permanência na cidade de João Pessoa – PB numa tentativa de contribuir com a história das religiões afro brasileiras na Paraíba, pois, como afirma Bosi "uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu." (BOSI, 1994, p. 199-200).

[4] A palavra nação é utilizada no candomblé para distinguir seus segmentos, diferenciados pelo dialeto utilizado nos rituais, o toque dos atabaques e a liturgia, e Keto em referência a cidade originária da África na atual região do Benin.

Os estudos empreendidos por Maurice Halbwachs (1990) contribuíram definitivamente para a compreensão dos quadros sociais que compõem a memória. Para ele a memória aparentemente mais particular remete a um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições, portanto a memória individual provê o conhecimento da memória coletiva, tendo em vista que "para evocar o próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade" (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Pensando nesses moldes, "uma semente de rememoração pode permanecer um dado abstrato, pode, ainda, tornar-se imagem e como tal permanecer ou, finalmente tornar-se lembrança viva" (SHIMIDT; MAHFOLD, 1993). Portanto, uma lembrança sempre está inserida, em seu contexto, social a um processo coletivo.

Diferentemente das religiões cristãs que seguem a Bíblia e escritos sagrados, as religiões de matriz africanas tem na oralidade a transmissão de seus dogmas e ritos na sua perpetuação, desde o período da escravidão. Oralidade e memória, nelas estão guardadas as narrativas reformuladas a cada aspecto rememorado na coletividade de um grupo social. Seu culto é a intervenção direta do sobrenatural no mundo feito através da invocação de forças divinas, chamadas Orixás. Valoriza os segredos iniciáticos, reconhece a importância dos "mais velhos", seus conhecimentos e a oralidade em suas comunidades religiosas.

Referindo-se às sociedades orais Hampatê Ba (1982, p. 168) afirma que "nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte", portanto as palavras possuem caráter sagrado e a ela vinculam-se forças ocultas e é, por esta razão, o grande agente ativo da magia africana.

Em uma abordagem hermenêutica, a análise da biografia narrativa de vida de José Erivaldo da Silva, nos leva em uma contextualização a captar através da memória colhida cada etapa de sua vida, chegando ao ápice do assunto, o Axé Odenitá em casa própria com os ritos e simbologias do candomblé nação Keto e sua multiplicidade de axés em João Pessoa – PB e na Paraíba.

Bourdieu (1996) nos afirma que a história de vida conduz a construção de uma trajetória que, diferentemente das biografias comuns, descreve uma série de posições ocupadas pelo mesmo agente (ou um mesmo grupo) em estados sucessivos no campo a que pertence. Em outras palavras, as trajetórias individuais estão cercadas de acontecimentos e de lugares sociais, que também são revistos e reinterpretados à medida que o tempo se esvai. Como narrativa de personagem a entrevista realizada não busca o mérito de uma verdade. Como afirma Gomes (2004, p. 15):

> Nesses casos, está descartada a priori qualquer possibilidade de se saber "o que realmente aconteceu" (a verdade dos fatos), pois não é essa a perspectiva do registro feito. O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa.

Nascido na cidade de Cajazeiras, interior da Paraíba no ano de 1961, filho de Maria de Oliveira da Silva e Heronildes Simão da Silva, Erivaldo José da Silva, auxiliar de enfermagem e técnico de contabilidade, apesar de uma vida de privações e dificuldades, teve uma infância considerada normal até a idade de oito anos, quando perdeu sua mãe.

A morte da mãe foi um marco dolorido em sua vida, não só por sua perda, "foi a maior perda da minha vida, que eu não imaginava que a perda da mãe era o maior vazio que pode ter para um filho", afirma nosso interlocutor, como também pela separação dos irmãos, pela dificuldade da avó em ficar com todos os filhos, visto que o pai os abandonou.

Pouco se relacionando com outras crianças, a princípio ajudou a avó nas tarefas diárias que foram se transformando à medida que novas oportunidades surgiam na sua vida como o

aprendizado da arte da cerâmica, que ele vendia na feira central de Cajazeiras – PB, caminho este que sua avó lhe ensinou para uma melhor ajuda financeira à família.

A espiritualidade sempre fez presença na vida de Erivaldo, ainda criança convivia com as premonições da mãe: "minha mãe sempre dizia que não ia criar a gente e aí a gente não dava muita importância, porque a gente criança...". Assim, como por seu isolamento em relação a outras crianças a avó o concebia como um futuro sacerdote católico e para tal o colocou numa escola religiosa.

Com um histórico de doenças e fragilidades, que preocupavam sua avó, sua trajetória de vida nesta fase foi permeada por busca a benzedeiras e rezadoras, romarias a Juazeiro do Norte, diálogos com Frei Damião durante as suas oratórias na igreja principal da cidade de Cajazeiras. Nestas buscas todos eram unânimes em afirmar que o neto não seria padre e sim de outra religião. Ouçamos seu discurso!

> "lá na cidade de Cajazeira tinha um senhor chamado Zé rezador (...) aí minha vó me levou lá na casa desse rezador e ele me rezou com um ramo (...) e disse assim - olha a senhora vai ter um grande desgosto com este rapaz, - aí minha vó se assustou, né, ai disse assim - esse rapaz não nasceu para ser o que a senhora quer, porque minha avó queria que eu fosse ser padre porque eu estudava num colégio de freira né, (...) ele vai ser de uma religião que a senhora jamais vai querer , ele é do nosso lado-"[5].

A juventude o toma com as inquietudes, temores e deslumbramentos sobre as profecias de sua espiritualidade e o leva, às escondidas da avó, a visitar terreiros para um entendimento do culto, fazendo-o chegar ao terreiro de Enéas, uma casa de culto à Jurema: "Enéas foi a primeira casa que eu comecei a ir, mas sem minha avó saber que se minha avó soubesse ela me mandava me trancar". Mas no seu eu, Erivaldo não sentia afinidades nas casas visitadas, foi quando chega à cidade Jackson Ricarte e se instala na casa de Enéas fazendo um culto diferente do que até então ele conhecia, enchendo-o de emoção e temor ao mesmo tempo. Sua avó sempre dizia que aquilo era coisa do diabo.

Foi em uma festa para o orixá Oyá[6] que o então adolescente Erivaldo José da Silva se encantou. O som do atabaque, o chamado do tambor não lhe saia da cabeça a ponto de desafiar a avó e fazer uma consulta com o caboclo do pai de santo. Abalado com a fala do caboclo que o recorda da vivência e morte da mãe e a necessidade de uma iniciação no culto, o jovem decide enfrentar a avó que após muita conversa o libera para o culto.

Vencida esta barreira, Erivaldo se inicia no ano de 1974 na Casa de Oyá, hoje *Ilê Axé Runtó Rumbeci*[6], para o orixá *Oxum*[7] e *Oxóssi Ilê*[8], passando a residir no espaço do terreiro. Teve como mãe pequena Irisbela Barros, filha de Iemanjá. Foi o terceiro filho na hierarquia da casa, "ninguém lá na casa de Jackson é mais velho do que eu, fora Irisbela e uma de Iansã que iniciou porque o resto, todo mundo vem depois" ficando na casa por quatorze anos. Com 17 anos recebeu de Jackson, sem as ritualísticas implicadas a este ato no culto, tradição Keto, o cargo de pai pequeno na casa acompanhando-o em todas as obrigações e orôs[9] futuros.

No período em que viveu na casa, Erivaldo nos conta vários fatos em que os Orixás de seu zelador intermediaram em favor do ser humano, com uma cura ou uma ajuda de destaque, assim como as diversas lutas que tiveram que travar contra o preconceito e a intolerância religiosa.

Para Erivaldo a casa onde estava a morar e a se cuidar tinha até então uma energia, podia não ser como nos dias de hoje, o que ele reconhece na fala abaixo, um candomblé de

---

[5] Orixá patrono dos ventos, do rio Niger e das tempestades.
[6] Orixá das águas.
[7] Orixá patrono da floresta e das caças.
[8] Preceitos, costume tradicionais.
[9] Sacrifício ou oferenda.

tradição Keto, mas existia a ancestralidade e uma simbiose entre os que iam à busca de auxilio no seu dia a dia:

> Se lá não tinha todo o aparato que manda o candomblé tradicional, mas tinha ancestralidade, tinha Orixá de verdade, tinha energia de verdade, e a energia que pegava nele era retorno para ele e pra quem queria estar com ele.

Em 1985, acometido de um problema de saúde foi aconselhado a vir a João Pessoa para tratamento com médico especializado. Nesta fase de sua vida ele encontra Irismar que será seu anjo da guarda dali em diante. Sabendo das dificuldades financeiras de Erivaldo ele traz o amigo para morar em sua casa e se cuidar. Interessante relatar que após a consulta médica, onde lhe foi passado um medicamento caro, Irismar chama Marcos, pessoa de confiança deles, e juntos trazem no transe Oxóssi que deixa umas palavras de conforto, dizendo que toda dificuldade era temporária e deixa um remédio a base de ervas para Erivaldo tomar. Em sua nova consulta médica, após endoscopia o então doutor José Imar se impressiona com a recuperação de seu paciente, o que nosso personagem define como milagre de *Oxóssi*.

A agonia de Erivaldo era sufocante neste período, não conseguia emprego e tinha vergonha de estar na casa do amigo sem poder colaborar com as despesas. Irismar novamente vem em seu socorro, fazendo com que abrisse um jogo de búzios para ele, e a partir daí envia clientes que enviam novos clientes para novas aberturas de jogos.

Com esta virada em sua vida muita coisa acontece, e entre os agradecimentos por conquistas feitas através de ebós, Erivaldo recebe um pagamento de aluguel por três meses de uma casa para morar no Valentina.

Lá ele se estabelece e após o encerramento do contrato da casa, recebe de Marcos, seu companheiro, o convite para abrir uma casa de culto nos fundos da casa do mesmo. A princípio não concordando com isto, pois a casa não era sua, "eu disse: não tá certo não, visse, ele só pode estar maluco, porque eu sai de uma casa alugada, eu vir morar numa casa que não é minha, esse santo tá querendo o que? tá ficando doido", ele acaba cedendo e abre o *Ilê Axé Oxum Odenitá*.

Com a abertura do ilê outras pessoas vão se achegando na casa e aos poucos a sua egbé[10] vai se formando, com todos cooperando para se levantar o Barracão de Oxum.

O barracão simples, como diz Erivaldo, para Oxum fazer sua obra, estava localizado na Rua Romulo Camboim Câmera n 104, Valentina II. O primeiro filho a ser iniciado foi do orixá *Oxóssi*. Fundado em 29/04/1986, teve como nome *Ilê Axé Oxum Odenitá*, Casa da Força de Oxum tem Caçador, cujo dono do *axé* é *Oxóssi*, tem como Orixá patrono *Oxum Opará* e como guardião os *Bara Tiriri e Fujinã*, sendo suas principais folhas de axé: *Awùrépépé* (Pimentinha d'água); *Alékèsi* (São Gonçalinho), *Peregum* (nativo), *EwéObayi* (Beti-cheiroso) e *Olátorije* (alevante), *Odum-dum* (folha da costa), *Macassá Edinrin* (manjericão)[10].

O nome do *Ilê* veio de uma consulta com *Índio de Logunede*, filho de seu avô de santo *Gidan de Oxumaré*. Para Erivaldo, era necessário um nome que contemplasse os dois orixás, em reconhecimento e agradecimento por todas as graças concedidas em sua vida. E assim surgiu o Odenitá, nome que Índio achou perfeito diante de todas as lutas travadas nesta conquista.

Neste local ele ficou por 10 anos, e os primeiros filhos foram iniciados seguindo os ritos e tradição de sua casa de Cajazeiras, "todos meus filhos foram iniciados do jeito que ele me iniciou, o que ele botou em mim que era isso, eu botei em todos".

[10] Quadro exposto no barracão do Axé Odenitá com estes dados.

Por ocasião da inauguração do barracão ao arriar o *omolocum*[11] de *Oxum* veio a seguinte sentença de sua mãe pequena Irisbela, "óia meu filho Oxum tá dizendo aqui que você só vai ter emprego depois que você cuidar de orixá".

Em 1987, o barracão cresceu, muitas obrigações aos moldes de Jackson, como ele mesmo diz, já tinham acontecido com muitos cargos na casa. A partir deste contexto surgiu o emprego que o orixá Oxum havia prometido. Com uma carta indicação de uma antiga cliente fez uma prova na Prefeitura Municipal de João Pessoa e está lá até os dias de hoje.

Foi em suas diversas andanças por casas famosas no recôncavo baiano com Jackson que o levou a perceber que os ritos pelos quais passou em sua iniciação não representava a tradição Keto.

Em 1994, pronto para dar obrigação de vinte e um anos de santo, mesmo afastado da casa de seu pai de santo, ele resolve, após o conselho de Ana, mãe pequena da casa de seu pai naquela ocasião, ter uma conversa com Jackson e deste diálogo decide trilhar outros caminhos em busca daquilo que ele pensava faltar a sua iniciação: "eu sempre tive vontade de dar obrigação que eu achava de fato e de direito, que eu achava que faltava alguma coisa para mim na minha religiosidade".

Em uma festa na casa de *Lilico de Oxum* em Brasília faz amizades que indicam *Bel de Oxum* em Salvador – BA para lhe dar esta obrigação, o que acontece logo após o contato. Para esta obrigação a espiritualidade também interviria mais uma vez na sua vida. A obrigação foi organizada por *Bel de Oxum*, mas o personagem que surge e está até os dias de hoje como zelador do seu orixá, ao lado de Erivaldo, é Manoel Bispo de Souza, mais conhecido como *Motumbá*. Como pai pequeno foi o responsável por todos os Orós de Oxum e pela obrigação de Erivaldo.

Com esta obrigação a casa assume a tradição Keto, com seus ritos e símbolos. Filhos que foram iniciados aos moldes de Jackson, como diz Erivaldo, que não quiseram refazer suas obrigações foram respeitados por ele e continuaram a serem cuidados como seus filhos.

Em contrapartida, a tradição instalada no Odenitá faz com que barcos e barcos de novos *yaos*[12] surjam na casa. O primeiro *rumbono*[13] da casa é Junior Medeiros, filho de oxum que hoje com casa aberta já tem muitos filhos e netos com suas respectivas casas em atividade na cidade.

No início de 1997, Erivaldo se desentende com Marcos e sai da casa, a roça não se fecha, muda de nome, alguns filhos ficam na casa, outros se distanciam e outros continuam ao seu lado até os dias de hoje. Sua fala conosco neste momento da entrevista mostra o desalento e a decepção que deixou marcas profundas em sua memória e a força que buscou em si e em seu orixá para superar estes momentos e cumprir o que o orixá lhe pedia.

> Na época do barracão, Dulce, se eu fosse me basear por pessoas, eu nunca mais tinha sido da religião, porque noventa por cento que circula neste barracão ficou lá, não deu a mínima e não vieram pra aqui quase nenhum, entendeu, banana pra mim, banana pra Ominjue, banana pra Oxóssi Ile, banana pra Oxaguiã, banana pra ancestralidade... mas eu sou de Oxum, nada me vence, eu sou a água que não para, Ominjugue quer dizer "Água que corre", e correu mesmo".

Mediante o acontecido ele ficou dois anos perambulando, iniciando filhos em Brasília e prestando serviços a casa de seus filhos. Destacamos que na tradição todos os primeiros

[11] Especiaria feita com feijão fradinho ofertada ao Orixá Oxum
[12] Nome dos iniciados até a obrigação de sete anos.
[13] Nome dado ao primeiro filho raspado na casa na tradição Keto.

filhos de cada casa aberta, assim como *ogãs*[14] e *ekedis*[15], a iniciação é feita pelo avô de santo da família.

Em meados de novembro de 1998, estando com a vida estabilizada, recebe o telefonema de seu pai de santo *Motumbá*, que o avisa que suas férias estavam terminando que Oxum mandava lhe avisar que queria a casa aberta novamente.

Síndico do prédio onde morava, Orixá lhe faria nova surpresa. Depois de uma busca incansável por um terreno, ao chegar ao prédio encontra na caixa do correio um folder de loteamento na região que ele desejava implantar a casa de Oxum. Erivaldo sempre comentava com sua filha Chaguinha sobre esse desejo e a mesma afirmava ser impossível:

> Chaguinha, eu não sei o que acontece, minha filha, toda vez que eu passo aqui neste local eu sinto que Oxum vai morar aqui. A Chaguinha dizia – meu pai tá ficando doido, aqui meu pai, isto aqui é chácara antiga, de gente rica, isto aqui não vai vender nunca.

Com o terreno comprado com ajuda dos filhos, havia a necessidade de começar a construção do barracão. Erivaldo não vacilou, vendeu parte de seus bens para levantar a casa de Oxum. Como os desígnios do orixá sempre se fazem presentes na vida de Erivaldo, a primeira iniciação nesta casa, ainda sem telhar, foi com um filho de Oxóssi tal como no primeiro barracão. Novos filhos foram adentrando a casa para se iniciar e com graças alcançadas foram ajudando no piso e na conclusão do barracão o que resultou numa bela festa de inauguração no ano de 2000.

Depois de inaugurada a nova casa foi uma sucessão de feituras. Inúmeras casas de nação Keto se multiplicaram por toda Paraíba de João Pessoa a Souza. De cada casa vieram mais filhos, netos, bisnetos *ogãs* e *ekedis*, Perguntado sobre o número de filhos iniciados, Erivaldo disse não ter um número preciso, somente no que ele tem documentado tem mais de 200, mas ele acredita ter no mínimo de 400 a 500 filhos feitos no estado da Paraíba.

No âmbito acadêmico a casa é referência para trabalhos de pesquisas na Universidade Federal e Estadual da Paraíba, assim como monografias de conclusão de curso em várias faculdades de João Pessoa – PB. No social o Odenitá levanta sempre a bandeira da religiosidade e a valorização da ancestralidade, como a primeira caminhada realizada na orla de João Pessoa – PB contra a intolerância religiosa em novembro de 2013, organizada pela INTECAB, Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira da Paraíba do qual ele é coordenador. Vale ressaltar a sessão itinerante da Câmara Municipal de João Pessoa – PB, pela então deputada Sandra Marrocos para homenagear Ekedi Sinha, do Terreiro da Casa Branca, com a comenda Margarida Maria Alves, "a Sessão Itinerante da Câmara aconteceu no Odenitá, e tenha certeza foi a única sessão itinerante acontecida dentro desta cidade que foi feita num axé". Recentemente o Odenitá criou a comenda *Iyá Detá, Iya Akalá* e *Iya Nasso*[16] com o respaldo do Terreiro da Casa Branca – BA e da academia na pessoa do Professor Doutor Carlos André, líder do grupo de pesquisas Videlicet da UFPB, que assina esta comenda juntamente com o líder do Odenitá. Trinta (30) mulheres do território brasileiro foram reconhecidas e homenageadas pelas suas atuações sociais em prol da religiosidade e direitos humanos.

Adentrando a raiz do Odenitá temos como avó do axé *Motumbá*, que foi iniciado por Adailton de Oxoguiã[18] do Engenho Velho de Brotas, e fica aos cuidados no axé de Lurdinha de Oxumare. Com seu falecimento Motumbá realiza as obrigações necessárias a esta situação e paga obrigação de 25 anos com *Lourdes de Oyá Tunjá, do Candeal*, que por sua vez foi iniciada pela finada Zélia de Iroko[19], filha da Casa Branca. Erivaldo não renega a raiz de sua

[14] Nome de homens não rodantes escolhidos para participar de um terreiro.
[15] Nome de mulheres não rodantes escolhidos para participar de um terreiro.
[16] Fundadoras do Terreiro da Barroquinha, Casa Branca, Salvador BA.

iniciação, mas afirma categoricamente que hoje sua casa é parte do *Ilê Axé Kessi*, da ilha de Itaparica na Barra do Gil, no Porrãozinho, Salvador – BA. Seu pai *Motumbá*, foi o seu maior incentivador, esteve presente em todos os momentos mais difíceis na sua vida e a ele deve tudo o que tem hoje.

> Eu tinha que conhecer este homem chamado Manoel Bispo de Souza, filho de Ajaguna, filho de O Guiã, um homem que me deu vida, que me deu sucesso, que me deu esta casa. O homem que trabalhou junto comigo, que veio aqui botar tijolo, carregar areia, o homem que fez tudo isto, pra que, a gente pudesse inaugurar esta casa.

Como toda casa de tradição o Odenitá cumpre um calendário festivo anual. As festividades se iniciam sempre no último dia de janeiro com a festa de *Oxóssi* e em seguida o *Pilão de Oxaguiã* que louva três orixás, *Odudá*, *Oxalufã* e *Oxaguiã*. *Louva-se Ogum* em abril, as *Yabas* em maio, *Xangô*, *Xangô Airá* e *Obará* em junho, *Oyá* em julho e *Olubajé*, *Omulu*, em agosto.

A festa do santo da casa, *Oxum*, não tem data e mês fixo em seu calendário, por ter que fazer uma conciliação com a agenda de Salvador. Nesta festa sempre está presente seu pai *Motumbá*, sua mãe pequena *Ekedi Sinha*, seu avô *Gidam*, o *Ojoomim Antônio Luiz* e sua avó *Tieta*, quando a saúde lhe permite, presenças para eles fundamentais por representar sua ancestralidade e alimentar a força do axé. A religião dos orixás para Erivaldo está para qualquer pessoa, mas ter orixá na corrente sanguínea fica para poucos.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

Durante muito tempo a História preconizou o escrito em detrimento do oral, portanto a história oral moderna abriu um leque para que os historiadores pudessem abordar temas que investigados no "tempo presente" se utilizem das entrevistas como fontes orais para dar ao individuo e ao coletivo um papel na História.

Ao permear a trajetória de vida do Babalorixá Erivaldo José da Silva observamos a espiritualidade como fator importante configurando sua existência. O Axé Odenitá inaugurada em 1986, somente no ano de 1994 assume os ritos e simbolismo que caracterizam o candomblé Nação Keto. Falar sobre Erivaldo é falar da sua importância na construção de uma parte do povo de santo de João Pessoa resgatando às tradições Keto, importante construção do saber, ritos símbolos e magia mítica oriunda do povo africano, que ao aqui chegarem aportaram grávidos do candomblé.

Para nós é muito significativo este trabalho uma vez que sendo praticante das religiões de matriz africanas, tivemos a oportunidade de analisar de forma acadêmica uma temática que por muitas das vezes foi silenciada e ou discriminada por certa tradição epistemológica ocidental.

REFERENCIAS

ALBERTI, Verena. *Fontes Orais*. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2015, p. 153 a 202.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória:* ensaios de psicologia social. Ateliê. 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *Razões Práticas Sobre a Teoria da Ação*, 9ª ed. Tradução Mariza Corrêa Campinas – SP, Editora Papirus 1996.

GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de Si a Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HAMPATE BÂ, *A tradição viva*. In:_____. História Geral da África: Metodologia e pré-história da África. São Paulo: Ática, 1982, p. 181-218.

LE GOFF, Jacques. *Memória e História*. Portugal: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997.

SCHMID, Maria Luisa Sandoval, MAHFOUD, Miguel. *Halbwachs:* memória coletiva e experiência. Instituto de Psicologia-USP: São Paulo, 1993. Disponível em file:///D:/Downloads/34481-40433-1-PB%20(10).pdf; acessado em 27/12/2015.

SELAU Mauricio da Silva. *História Oral:* uma metodologia para o trabalho com fontes orais. Revista Esboços.

Fontes orais

SILVA, Erivaldo José da. *Entrevistas concedida a Dulce Edite Soares Loss*. João Pessoa. 24 de fevereiro de 2016, 2 de março de 2016 e 9 de março de 2016.